

DESCE! ESTUDO DA CONFIGURAÇÃO DAS SUPERQUADRAS E SUA APROPRIAÇÃO PELAS CRIANÇAS

B. S. Pamplona

RESUMO

O trabalho analisa as relações entre espaço e sociedade nas superquadras 308 e 207 Sul de Brasília-DF, buscando descobrir como é passar a infância na SQS. A metodologia aplicada que se baseia na teoria da sintaxe espacial, foca no estudo dos principais atributos que influenciam no uso que as pessoas fazem do espaço público e desenvolve-se em dois níveis analíticos: 1) estudo da configuração do espaço livre público (padrões espaciais) e 2) estudo da sua apropriação pelas crianças. No estudo da configuração foram elaborados mapas de uso do solo, de permeabilidade e barreiras e de espaços convexos, e no estudo da apropriação foram usados mapas comportamentais, comparativo de gráficos censitários e questionários. Conclui-se que há sim crianças fazendo uso desse espaço público, há urbanidade, porém não na quantidade desejada. As crianças, ainda descem dos apartamentos onde vivem para brincar.

1 INTRODUÇÃO

Ao desenhar Brasília, Lucio Costa pensou que na área residencial da cidade haveria interações, vivência, pessoas utilizando as vastas áreas verdes por ele concedidas. Pensou que as crianças na superquadra desceriam para brincar embaixo dos blocos de, no máximo, seis andares, e estariam ao alcance das vozes de seus pais. Porém a vivência, a cultura, as crianças mudaram e assim certos hábitos e práticas também se modificaram. Visto isso, surgiu a seguinte indagação “ - Como é passar a infância, hoje, em uma superquadra (SQ)? ”. Para responder a essa pergunta, buscou-se compreender a configuração do espaço livre público das SQs e sua apropriação pelas crianças. Foram analisadas duas superquadras, a SQS 308 e a SQS 207, com configurações espaciais distintas.

2 BRASÍLIA E A INVENÇÃO DA SUPERQUADRA

Inaugurada em 21 de abril de 1960 e reconhecida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura) como Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1987, Brasília é resultante de um concurso lançado em 1956 que se concretizou pelas mãos do urbanista Lucio Costa e do arquiteto Oscar Niemeyer.

O projeto do Plano Piloto elaborado por Lucio tem sua concepção organizada em função da integração de quatro escalas distintas: Monumental, gregária, bucólica e residencial. O plano urbanístico de Brasília foi influenciado pelos conceitos: de Cidade-jardim, Unidade de Vizinhança e Movimento Moderno, que foram criados e consolidados, em sua maioria, no período industrial.

O conceito de Unidade de Vizinhança (UV), proposto por Clarence Perry nos anos 1920, foi, em Brasília, reformulado por Lucio Costa e passou a se chamar Área de Vizinhança (AV). As AVs de Lucio não são autossuficientes e hierarquizadas como as UVs, as quais eram originalmente concebidas de modo hierárquico, autossuficiente, introvertido e suburbano (FERREIRA E GOROVITZ, 2009).

A estrutura autossuficiente das AVs foi reinventada, na medida em que os equipamentos de uso coletivo não estão no interior das quadras, mas paralelos ao sistema viário que as articula.

Para a construção das Superquadras, o urbanista estabeleceu algumas diretrizes: elas seriam emolduradas por um cinturão verde, com 20m de largura; seus blocos residenciais respeitariam um gabarito máximo uniforme, com máximo de 6 (seis) pavimentos e pilotis; em seu interior, o trânsito de pedestres seria separado do tráfego de veículos, com exceção do acesso à escola primária e demais equipamentos existentes; seu sistema viário seria em árvore.

As superquadras de Lucio Costa foram projetadas, em sua maioria, de acordo com tais princípios tendo apenas algumas variações, como a SQS 207, que possui sistema viário em anel.

A proposta das superquadras foi uma grande contribuição do plano urbanístico de Brasília. Elas formam o denominador comum que Lucio Costa utilizou para compor as asas Norte e Sul do Plano Piloto de Brasília, criando uma sequência contínua de grandes quadras dispostas em fileira de ambos os lados do Eixo Rodoviário.

Holanda em seu livro *Arquitetura e Urbanidade* (2011), faz uma análise do que o projeto para uma superquadra deveria deve/ou evitar. A tabela 1 mostra de forma esquemática tais pontos.

Tabela 1 Análise segundo Holanda, 2011, do que o projeto para uma Superquadra deve considerar e o que deve evitar.

Considerar	Evitar
1. Espaços diferenciados e perceptíveis para motoristas e pedestres;	1. Que as relações dos blocos com o entorno (comércio local, paradas de ônibus, etc.) sejam pouco consideradas;
2. Claras relações da quadra com o entorno;	2. Que haja maior concentração de pessoas na periferia do que no miolo da superquadra.
3. Boa legibilidade interna da quadra, baseada na diferenciação, entre cheios (edifícios) e vazios (espaços livres de uso coletivo);	3. Que haja distância entre espaços frequentados por faixas etárias diversas, para que se faculte visibilidade recíproca e se beneficie a socialização;
4. Espaços livres diferenciados por: - Tratamento paisagístico (vegetação/ piso/ distância do mobiliário) - Atributos morfológicos definidos pela implantação das edificações (tamanho, forma, localização relativa dos vazios)	4. Que os centros sejam excessivamente grandes, pouco considerados e mal servidos;
5. Um sistema contínuo de calçadas que privilegie o pedestre.	5. Que a disposição do programa funcional não seja aleatória

Holanda realizou o projeto para a SQN 109, no qual tentou implementar os pontos os quais considerava favoráveis na geração de urbanidade na superquadra o que representaria a presença de pessoas utilizando o espaço não apenas para a realização de suas atividades necessárias, mas também para atividade opcionais e sociais. Como classificado por Gehl (2010), - as atividades necessárias são as que envolvem obrigações, como trabalhos e tarefas as quais não dependem da condição do espaço ou do tempo para serem realizadas (esperar pelo transporte público, por exemplo). As atividades opcionais estão diretamente ligadas à vontade das pessoas e serão tão numerosas e durarão mais sempre que as condições dos espaços públicos forem favoráveis (sentar num banco para ver as pessoas passarem por exemplo). Por fim, as atividades sociais dependem também, assim como as atividades opcionais, das condições oferecidas pelos espaços públicos que, permitindo maior presença de pessoas, acaba por favorecer interação entre elas.

Quando o espaço é bem-sucedido a realização de atividades opcionais e sociais é mais frequente, pois elas estão diretamente ligadas à qualidade do espaço e a vontade dos usuários em permanecer neles.

Holanda em sua proposta para a SQN 109, buscou projetar espaços sociais e de encontro que estimulasse a vontade dos usuários em permanecer no local, criando um corredor de vivência, que serviria como espaço de passagem e permanência que conecta o ponto de ônibus a entrada da Superquadra.

3 CIDADE MODERNA E A URBANIDADE

Brasília, cidade marco do urbanismo e da arquitetura moderna, foi, segundo alguns teóricos, projetada de forma a não priorizar a escala humana. Segundo Gehl (2011), o modernismo deu baixa prioridade ao espaço público, não o considerando como local de encontro dos moradores da cidade.

Jacobs, em seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2007), também assinala que o modernismo, ao setorizar as atividades nas cidades e dar destaque a edifícios autônomos, que resultam em espaços públicos soltos em espaços intersticiais e amorfos, acaba por retirar a vivacidade da cidade. Segundo a autora, é preciso haver “olhos para as ruas”, ou seja, fachadas com permeabilidade, para que possa existir a vigilância recíproca entre pessoas do interior e do exterior dos edifícios. Sugere também que a variedade de uso e idade dos prédios de uma determinada área promoveria a atração de pessoas com diferentes interesses e características.

Holanda (2003a, p.33), destaca que em Brasília há “urbanidade em pequenas manchas descontínuas”, mesmo sendo o Plano Piloto fiel aos princípios do desenho modernista, com baixa densidade, edifícios dispersos, poucas portas abrindo para espaços convexos e grandes distâncias a serem percorridas pelos pedestres em função da extensa dimensão das quadras.

As superquadras de Brasília, embora possuam essas características, possuem suas manchas de urbanidade, algumas formadas por grupos de crianças, que muitas vezes se relacionam com os espaços públicos de maneira diversa, por verem neles cenário para suas brincadeiras.

3 A CRIANÇA E O ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público é considerado um espaço pertencente ao povo, assim qualquer cidadão pode utilizá-lo. Nele, ocorrem as trocas sociais entre pessoas diversas. Segundo Oliveira, 2004, o espaço público é um local fundamental para o desenvolvimento e formação da criança, pois nele ela terá contato com a natureza e diferentes pessoas e práticas.

Segundo Mayumi, 1989, as casas, os caminhos e a cidade são espaços que transcendem as suas dimensões físicas e se transformam em locais de alegria, medo, insegurança, curiosidade e descoberta no imaginário da criança.

A compreensão acerca da motivação das crianças em preferirem um espaço em detrimento a outro torna-se então um desafio para nós arquitetos, pois projetamos espaços que servirão de experimentação e podem ter diversos usos, dependendo de como as crianças se apropriem deles. Para uma criança o espaço pode ser visto de diversas maneiras, e uma árvore isolada pode tornar-se mais interessante que um parquinho.

A arquiteta Mayumi, em seu livro, *A cidade e a criança* (1989), fez um estudo com diversas crianças observando como elas utilizavam o espaço e constatou que a ideia de espaço físico isolado existe apenas na concepção dos adultos. Para a criança, o espaço toma diversas formas e se mescla a sentimentos na sua imaginação. Elas os dividem em espaços relacionados a sentimentos positivos, como liberdade, alegria, proteção e descoberta e espaços relacionados a sentimentos negativos, como opressão e medo.

Na década de 60, segundo a experiência desenvolvida por J. Boris e G. Hischler, na França, as crianças mostravam que os espaços que as passavam sensação de segurança, conforto e prazer eram pequenos, e quando eram grandes, possuíam recantos menores.

Segundo estudos realizados em Copenhague, há uma tendência de crianças escolherem locais de passagem de pessoas para desenvolver suas brincadeiras (Gehl, 2006, p. 25). Isso ocorre nas áreas residenciais de Brasília: “[...] a circulação de veículos é um importante magneto para presença de população, particularmente a jovem” segundo Holanda (2003, p. 128).

Porém, apesar da existência de espaços públicos nas superquadras residenciais de Brasília, observa-se que a sua utilização tem se modificado ao longo da história. Segundo Oliveira, 2004, na contemporaneidade as crianças têm frequentado muito menos estes espaços quando comparado a quatro ou cinco décadas atrás.

A precariedade dos espaços oferecidos, o aumento da violência ou até mesmo a má distribuição dos mesmos pelos bairros da cidade são fatores que podem estar influenciando tais modificações, ficando então as crianças mais tempo em frente à televisão, computador, ou brincando com jogos eletrônicos. O espaço assim vai perdendo atratividade e o interesse das crianças por ele diminui.

A configuração do espaço oferecido à criança também pode tanto favorecer quanto impedir a sua exploração. O contato com outras crianças e determinados tipos de brincadeiras, interfere diretamente no interesse pelo mesmo (Bichara et al., 2009; Cotrim; Bichara, 2013; Gomes, 2013).

Oliveira (2004) afirma que os espaços públicos destinados as crianças devem ser bem planejados, contendo: 1. Área livre; para que a criança lhe atribua um determinado uso sendo o lugar suficientemente flexível e mutável, de modo que abrigue diferentes formas de brincar possibilitando a apropriação do espaço pela criança; 2. Brinquedos coletivos, estimulando as crianças a conviverem em grupo e a praticar atividades físicas e criativas; 3. Ampla diversidade de materiais, despertando os sentidos e a atenção das crianças que são sempre atraídas pelo movimento;

Estudar o ambiente em que as brincadeiras ocorrem é de fundamental importância para o entendimento dos comportamentos das crianças, tanto no que se refere ao espaço físico quanto social.

4 MÉTODO

Para análise utilizou-se o método da tese de doutorado – “Ao desocupado em cima da ponte. Brasília, arquitetura e vida pública” de Gabriela Souza Tenorio. O método trabalha com quatro propostas as quais são focadas no estudo dos principais atributos que influenciam no uso que as pessoas fazem do espaço público, tendo em vista a obtenção de vida pública, com foco na dimensão sociológica (apoiada pela teoria da Sintaxe Espacial). Esta pesquisa se desenvolveu em duas etapas: 1. Estudo da configuração do espaço, por meio da elaboração de mapas de permeabilidade e barreiras, de mapa de convexidade e uso do solo; e 2. Estudo da apropriação do espaço por meio do levantamento da vida pública, com elaboração de mapas comportamentais feitos a partir de observação *in loco*, durante a semana e no final de semana, juntamente com comparativo de gráficos censitários e questionários.

Desenvolve-se o estudo em duas etapas:

4.1. Estudo da configuração do espaço

4.1.1. Mapa de Permeabilidades e Barreiras

Para a construção deste mapa foi necessário definir as barreiras que impediam o movimento dos pedestres ao nível do solo podendo ser edifícios, massas densas de vegetação, cercas, taludes, muros, corpos d’água. O mapa foi representado em planta baixa e em preto e branco, percebendo-se então o percentual de espaços abertos sobre a área total de estudo.

4.1.2. Mapa de Convexidade

A partir da construção do mapa de permeabilidades e barreiras, dividiu-se os espaços em branco – todos eles espaços públicos que se interligam - em vários espaços convexos. O espaço convexo é todo aquele onde se pode andar de qualquer ponto a qualquer outro sem sair dele. A divisão da área branca foi feita em polígonos, e assim se obteve o número de espaços convexos e sua área. Quanto maior o espaço convexo, maiores são as distâncias a serem percorridas pelos pedestres, e maior o número de pessoas necessárias para ocupá-lo a fim de favorecer a interação, sendo grande a tendência de permanecerem vazios – ou quase – na maior parte do tempo (Tenorio, 2012, P. 168).

4.1.2. Mapa de Uso do Solo

Registra-se o levantamento por meio de observação no local de estudo, dos tipos de atividades realizadas nas edificações e espaços abertos existentes e do seu entorno imediato. As atividades são representadas no mapa e são identificadas através de diferentes cores para cada tipo de uso (Ribeiro, 2013).

4.2. Estudo da apropriação do espaço

4.2.1. Conhecimento do Objeto de Estudo

Selecionados os objetos de estudo, as superquadras 308 e 207 Sul (Figura 1), foram percorridos seus espaços, observados suas apropriações e usos, observados como os moradores e não moradores se relacionavam com os seus espaços livres, a partir de entrevistas, fotografias, dados estatísticos e mapas.



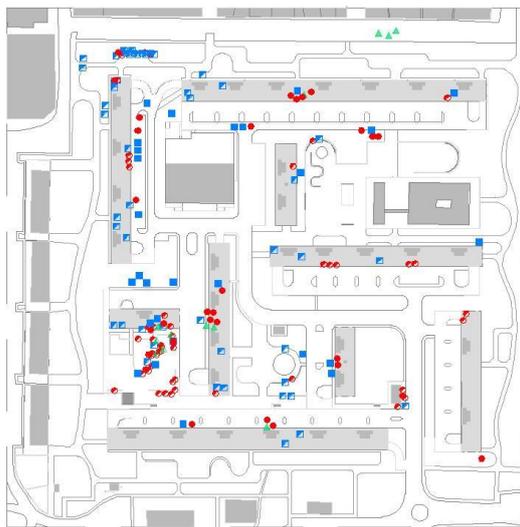
Legenda:

- SQN - Superquadra Norte
- SQS - Superquadra Sul
- Lago Paranoá
- ♥ SQS 207
- ♥ SQS 308

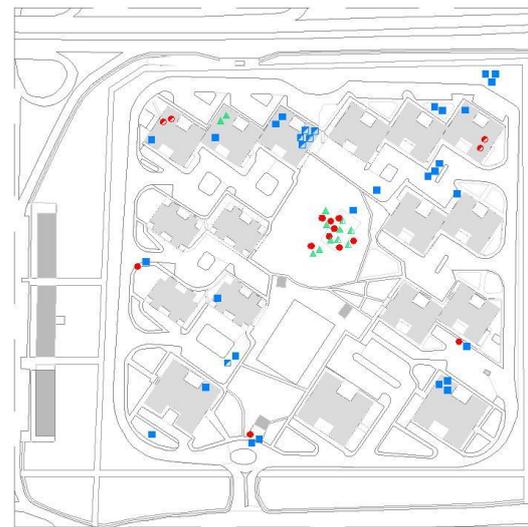
Fig. 1 Plano Piloto e sinalização da localização das superquadras analisadas

4.2.2. Levantamento da Vida Pública

Foram realizadas observações – que resultam em mapas comportamentais (Figura 2) - dos sujeitos e suas atividades no espaço, durante um dia da semana e no sábado, e em períodos diferentes do dia:



SQS 308 - Escala: 1/5000



SQS 207 - Escala: 1/5000

Legenda:

- Mulher em pé
- Homem em pé
- ▲ Criança em pé
- Mulher em pé
- Homem em sentado
- ▲ Criança sentada

Fig. 2 Mapas Comportamentais realizados durante a Terça-feira em diferentes horários do dia das quadras SQS 308 e SQS 207 respectivamente

5 ESTUDO DE CASOS: SQS 308 E SQS 207

As superquadras 207 e 308 Sul foram analisadas a fim de entender como a configuração do espaço livre público afeta sua apropriação pelas crianças. A escolha dessas superquadras, se deu: 1. Pelo contraste na configuração (implantação, sistema viário e tipologia edilícia); e 2. Por ser a SQS 308, a superquadra construída aos moldes de Lucio Costa, a única que abriga um projeto paisagístico de Burle Marx, constituindo um caso raro em meio às demais superquadras. A Tabela 2 condensa as informações sobre casa superquadra analisada.

Tabela 2 Ficha com dados das Superquadras SQS 308 e SQS 207.

	SQS 308	SQS 207
Arquiteto	Marcello Campelo e Sérgio Rocha do Banco do Brasil	Francisco Mendes Del Peloso do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado – IPASE
Ano do Projeto	1959	1972
Nº de Blocos	9 (Sendo oito blocos com seis pavimentos e apenas um com quatro pavimentos)	17 (Dimensões variadas, e estão dispostos inclinados em relação às laterais da quadra)
Sistema Viário	Árvore	Anel
Percentual de Área Construída	20%	13%
Percentual de espaços com tratamento, sobre a área total de espaços livres	19,4%	3%
Formato da planta baixa dos blocos	Retangular	Projeção em “H”
Nível do térreo	Pilotis com entrada no mesmo nível das áreas livres	Poucos pilotis no mesmo nível das áreas livres, subsolos aflorados
Equipamentos, mobiliário urbano	Escola Classe, Jardim de Infância, Praça com Espelho D’Água e Parque Infantil	Dois parques infantis e um campo de futebol

5.1 Análise comparativa das superquadras 207 e 308 Sul

A análise comparativa entre as superquadras selecionadas a partir do estudo da configuração dos espaços foi realizada a partir da elaboração dos mapas de permeabilidade e barreiras; espaços convexos e uso do solo.

A SQS 308 fornece condições para o convívio das pessoas, pois possui, mobiliário e parquinhos distribuídos pelos seus espaços livres públicos, o que gera mais possibilidade de apropriação pelo público infantil. O Mapa de Uso Solo mostra que existe, uma escola de ensino fundamental e outra de ensino infantil, o que naturalmente aumenta o fluxo de crianças no local.

Os espaços convexos da SQS 308 são considerados grandes (especialmente se comparados aos da SQS 207), neles foram encontradas diversas barreiras ao movimento de pedestres, como desníveis, rampas e grades em alguns pilotis, o que acaba por contribuir negativamente no uso de seus espaços públicos.

A SQS 207 apresenta poucos espaços com tratamento, sendo esses parquinhos, espaços de ginástica e uma quadra de futebol. Possui também o menor valor médio de espaços convexos, porém apresenta um espaço convexo central muito grande, o qual abriga justamente os equipamentos de lazer mais utilizados pelas crianças, como o parquinho, os equipamentos de ginástica e a quadra de esporte. O espaço apesar de possuir vários atrativos está localizado em um espaço convexo extenso, contribuindo para a sensação de insegurança dos usuários.

A SQS 207 possui diversas barreiras físicas e visuais, seus blocos não foram implantados com todas as entradas no nível dos pedestres, prejudicando a utilização dos pilotis pelas crianças.

As próximas etapas da análise visam comparar a utilização potencial dos espaços públicos com aquela que de fato acontece na realidade, por meio do estudo da apropriação das superquadras pelas crianças, com a aplicação de questionários e realização de Mapas Comportamentais.

De acordo com a análise dos mapas comportamentais, notou-se que o número de crianças que frequenta a superquadra é semelhante tanto durante a semana quanto no final de semana mesmo que segundo dados censitários de 2010 do IBGE apresentem em sua totalidade um número diferenciado de crianças nas duas superquadras (Figura 3).

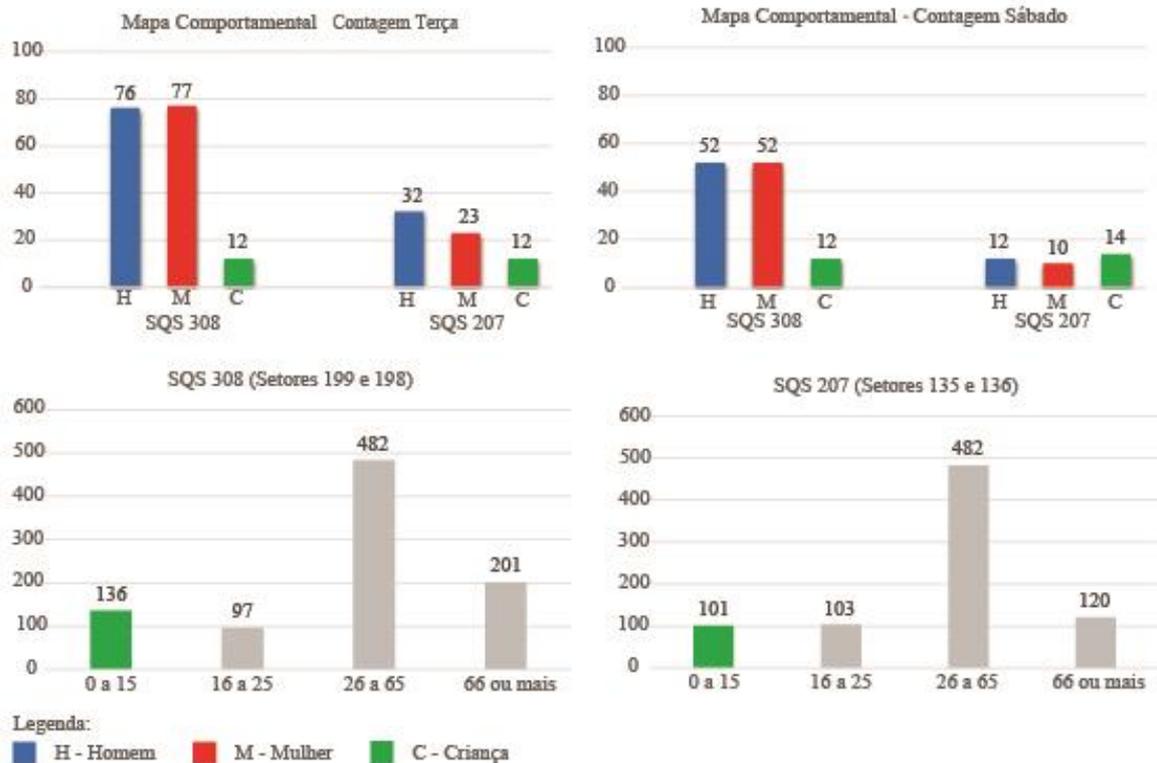


Fig. 3 Gráfico de contagem referente ao mapa comportamental e gráfico com síntese dos dados censitários IBGE, senso 2010



Legenda:
 ■ SQS 308 - Setor 199 ■ SQS 308 - Setor 198
 ■ SQS 207 - Setor 136 ■ SQS 207 - Setor 135

Fig. 4 Demarcação dos setores censitários considerados para obtenção do gráfico da figura 3

Os valores gerais do setor censitário foram recalculados a fim de se obter apenas a quantidade de moradores dos blocos localizados dentro da SQS 207.

A SQS 308 proporciona diversos espaços livres de lazer, porém entre eles o que contém o espelho d'água é o que apresentou, segundo o registro dos mapas comportamentais, o

maior número de frequentadores. As crianças foram o público que teve o maior número de registro de frequência no local.

O jardim com espelho d'água projetado por Burle Marx, possui peixes os quais despertam o interesse das crianças e acabam por atraí-las. Em conversa com um dos porteiros de um edifício próximo, ele mencionou que as crianças têm o costume de alimentar os peixes pegando ração com ele e que isso inicialmente era um costume apenas das crianças do bloco, porém o hábito acabou se espalhando e tornou-se rotina entre as crianças da superquadra.

Já na SQS 207, foi observado no mapa comportamental uma concentração de crianças no parquinho recém reformado, localizado no centro da superquadra. Nela, encontram-se, um parquinho antigo, o parquinho recém reformado e equipamentos de ginástica. O parquinho recém reformado concentra todas as crianças, as quais também utilizam os equipamentos de ginástica acompanhadas dos pais. Não foi observada a utilização do parquinho antigo, que se tornou obsoleto após a implantação do novo parquinho e atualmente ele se encontra em manutenção.

6 CONCLUSÃO

Ao analisar com um olhar mais atento a Brasília modernista notou-se que há sim crianças fazendo uso dos espaços públicos das superquadradas, há urbanidade, porém não na quantidade desejada, mas elas ainda estão presentes, ainda descem para brincar.

Porém devido à configuração das superquadradas, elas deixam a desejar na promoção de lugares comuns para o encontro entre as crianças, não há troca nem brincadeiras mútuas nos espaços livres, e apesar do grande percentual de áreas livres da SQS 308, ela apresenta maiores índices de encontros interpessoais em relação à SQS 207, nela há uma concentração das crianças no espelho d'água.

A SQS 207 possui menores espaços convexos em média o que possibilitaria um uso maior desses espaços pelas crianças, porém esses não são utilizados, as crianças se interessam e se aglomeram no parquinho recém reformado e não se apropriam das demais áreas livres. O fato é que a grande disponibilidade de espaços livres, princípio básico do modernismo, não implica na realização de mais atividades ao ar livre, e espaços convexos pequenos – e cobertos, como os pilotis – ainda que em tese sejam mais propícios ao encontro não se tornam por si só favoráveis as atividades de permanência.

O pilotis como possível espaço de permanência, está cada vez mais perdendo essa sua característica e a mescla entre espaço público e privado é colocada em cheque. Os condomínios o estão privatizando. Na SQS 308, por exemplo, encontramos cercas em alguns blocos, e na SQS 207, por serem elevados, as restrições são inúmeras quanto às brincadeiras, inibindo sua utilização pelas crianças e gerando a grande questão se de fato a infância em Brasília se passa embaixo do bloco.

Pique-esconde, queimada, pega-pega, não foram brincadeiras encontradas, e a liberdade antes de brincar sozinha, foi cortada pelo medo e insegurança dos pais somada às barreiras físicas e visuais as quais diminuem os “olhos para a rua” e a vigilância recíproca acaba por não ocorrer.

A vivência, a cultura, as crianças mudaram e assim certos hábitos e práticas também se modificaram. Faz-se necessário então projetar e sinalizar novas oportunidades de lazer para as crianças brasilienses. Respondendo as questões: Como tirara-las mais de casa e despertar o interesse delas pelos espaços públicos? Sugere-se a continuação da pesquisa em busca de respostas para essas perguntas, e para descobrirmos só descendo para brincar de novo, vamos?

7 AGRADECIMENTOS

A professora e amiga Gabriela Tenorio, que foi fundamental para a elaboração desse trabalho e que tanto me inspira como profissional acadêmica.

8 REFERÊNCIAS

Ferreira, M. M. e Gorovitz M. (2007) **A Invenção da Superquadra: o Conceito de Unidade de Vizinhança em Brasília**. IPHAN, Brasília, Brasil.

Gelh, J., (2013) **Cidade Para Pessoas**, Perspectiva, São Paulo, Brasil.

Holanda, F, (organizador). (2011) **Arquitetura e Urbanidade**, FRBH, Brasília, Brasil.

Lima, M. S. (1989) **A cidade e a criança**, Nobel, São Paulo, Brasil.

Lynch, K. (2011) **A imagem da cidade**, WMF Martins Fontes, São Paulo, Brasil.

Oliveira, C. O. (2004) **O ambiente urbano e a formação da criança**, Aleph, São Paulo, Brasil.

Ribeiro, M. S. (2013) **Habitar, trabalhar, recrear e circular: Possibilidades e Limitações nas superquadras de Brasília**, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Tenorio, G. S. (2012) **Ao desocupado em cima da ponte. Brasília, arquitetura e vida pública**, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.